

## Agostinho da Silva, um arquétipo vivo do professor

**Olga Pombo**

Conheci Agostinho da Silva já tarde na minha vida. Não o vi nunca com os olhos da juventude. Talvez por isso o não tenha amado como a um mestre. O que nele admirei desde o primeiro minuto foi a sua alma de bandeirante, o seu ímpeto mágico de caminhar, o seu entusiasmo de explorador de florestas tropicais, a sua credulidade generosa de peregrino.

Visitei-o algumas vezes, em sua casa, numa sala repleta de livros, cartas e papéis, que lhe ia a jeito porque dela se via o Tejo. E, de cada vez, senti sempre que estava na presença de um grego, cidadão e estrangeiro, eupátrida e meteco, escravo e homem livre, animado pelo furor irradiante da curiosidade e da crença no valor da verdade.

Um dia convidei-o a vir dar uma aula aos meus alunos da Faculdade de Ciências. Esse convite surgiu em consequência de um episódio curioso. Numa aula em que fiz uma referência a Agostinho da Silva apercebi-me que os estudantes não conheciam sequer o seu nome. Havia no entanto uma excepção: um aluno que tinha lido quase tudo o que ele até então publicara e que o admirava com profundidade e silêncio. Esse facto, e o reconhecido interesse que esse estudante manifestou, levaram-me a convidar Agostinho da Silva. Porque, como se sabe, a sua disponibilidade era infinita, ele acedeu de imediato ao meu convite. E assim, conforme combinado, no dia 19 de Janeiro de 1987, lá fomos nós, eu e o dito estudante<sup>1</sup>, à Travessa do Abarracamento de Peniche buscar o “Professor”. O resultado foi que, nesse dia, na minha aula, teve lugar um acontecimento esplendoroso que recorro com emoção<sup>2</sup>. Pelos anos fora fui encontrando, mais ou menos acidentalmente, alguns desses estudantes. E, em todos os casos, esses encontros tinham um nome: Agostinho da Silva.

Depois dessa aula aos meus alunos da Faculdade de Ciências, sempre que o visitava, Agostinho da Silva pedia-me que o convidasse de novo. É que - como me explicava - um estudante havia feito uma pergunta a que não tinha tido tempo de responder. Precisava pois de regressar. Mesmo que o tal aluno já lá não estivesse para o ouvir, mesmo que a tal

---

<sup>1</sup> O aluno de então, o tal estudante que sabia tudo acerca do Professor Agostinho da Silva, era o Dr. José Manuel Conceição que, mais tarde, veio a ocupar o lugar de Assistente estagiário da Faculdade de Ciências do qual, no fim de um processo que nada teve de claro, acabou por ser abandonado (ou ser afastado).

<sup>2</sup> Na sequência dessa aula, à qual os meus alunos de então, bem assim como alguns colegas que convidei, assistiram maravilhados, pedi ao Prof. Agostinho da Silva que nos desse um texto inédito para a Revista de Educação em cuja criação eu estava então empenhada. O texto, intitulado "Divagações quanto a Futuro", foi-me remetido com simplicidade e prontidão e publicado no número 2 do volume inaugural.

questão não voltasse a ser formulada, mesmo que nenhum aluno sentisse necessidade de a colocar de novo, era ele – professor - que precisava de responder. Era pois urgente que eu o voltasse a convidar.

Assim fiz. A segunda aula foi marcada, quase um ano depois, para o dia 19 de Dezembro de 1988. Dessa vez, porém, esperava-nos, a mim e a ele, uma situação inesperada. À chegada à Faculdade, fomos ambos surpreendidos com a grande quantidade de pessoas que se aglomeravam à porta da sala de aula. Para além das duas dezenas de prováveis alunos, uma imensa enchente. Centenas de pessoas haviam acorrido a ouvi-lo. Ninguém as tinha convocado. Eu não havia informado senão os meus alunos e um ou dois colegas. A verdade porém estava à vista: a notícia tinha-se espalhado de forma assombrosa. É certo que, entre o primeiro e o segundo convite, Agostinho da Silva tinha sido constituído como personagem mediática. O programa televisivo "Conversas Vadias" entretanto iniciado tinha-lhe granjeado, em pouquíssimo tempo, a popularidade que a sua obra nunca lhe havia dado. Mas, a verdade é que a notícia não havia sido objecto de qualquer divulgação pública. Aquela pequena multidão que o esperava na Faculdade estava pois ali por efeito de uma misteriosa acção à distancia que só o brilho contagiante da sua palavra podia explicar.

Recordo que nem eu nem o Professor estávamos preparados para tal enchente. À última hora, foi necessário mudar para uma sala muito maior (o anfiteatro da Matemática). E o Professor, apanhado desprevenido, lá se recompôs. Sem revelar qualquer incómodo, com a mesma simplicidade de sempre, de pé como era seu hábito, durante quase duas horas seguidas, encantou todos os presentes com o seu espírito. No calor do acontecimento, houve mesmo alguém (nunca soube quem) que tirou uma fotografia que, sem seu nem meu conhecimento, foi publicada (também nunca soube como) num jornal diário da capital. No fim, todos queriam falar com o Professor e a todos o Professor queria responder. Recordo-me que fui eu que interrompi a torrente daquele rio. Fui eu que estanquei o transbordar daquele verbo.

Anos mais tarde, um pouco por acaso, tomei consciência que se cumpririam em breve 10 anos sobre essa sessão memorável. Lembrei-me de comemorar o facto. Ele já não estava entre nós. Lembrei-me de recordar a sua passagem pela Faculdade de Ciências procurando reunir o maior número de pessoas que tivessem estado presentes, dez anos antes. A ideia - parecia-me - vinha ao encontro do próprio conceito de escola, instituição cujo sentido o Professor tanto havia interrogado e que, pela minha parte, tenho vindo, ao longo dos anos, a tentar compreender melhor. Escola que me aparece cada vez mais como lugar de resistência, de luta contra o esquecimento. Entidade rítmica, marcada pela sucessão de vagas de estudantes e professores, que renasce cada ano pela chegada de novos alunos mas que também se despede cada ano de antigos alunos e velhos professores.

Apresentei a o projecto aos meus alunos que, nesse semestre, se encontravam a trabalhar sobre Agostinho da Silva no contexto da cadeira de História e Filosofia da Educação que então leccionava e deixei-me contagiar pelo seu entusiasmo. E se promovêssemos uma sessão comemorativa da vinda de Agostinho da Silva à nossa Faculdade 10 anos depois?

E se nos organizássemos de modo a pedir testemunho da memória que conservam desse acontecimento às pessoas que estavam na fotografia<sup>3</sup>, às pessoas que não ficaram na fotografia mas que se sabia que tinham estado presentes<sup>4</sup>, aos antigos alunos de há 10 anos que tentaríamos localizar.<sup>5</sup> E se, aproveitando as possibilidades técnicas hoje ao nosso dispor, fizéssemos uma montagem vídeo a partir dos registos existentes? Iniciativa que nos permitiria, não apenas *ler* os seus textos, mas *ver* o movimento da sua irreverência, a força e capacidade sugestiva do seu gesto, *ouvir* a liberdade perturbadora da sua palavra, a cintilação da sua fala, o desafio revigorante dos seus sonhos sempre prontos a melhorar o que existe.

Assim foi, de facto. Numa daquelas confluências de boas vontades que sempre se desencadeiam quando tem lugar um gesto de sincera comemoração, foi possível reunir, numa sessão comemorativa da passagem do professor pela Faculdade de Ciências, realizada no dia 17 de Dezembro de 1998, muitas dos estudantes e muitas das outras pessoas que, nessa mesma sala, 10 anos antes, tinham ouvido Agostinho da Silva. Nessa sessão, "Recordar Agostinho da Silva: 10 anos depois", foram apresentados extractos da gravação *audio* da palestra então proferida pelo professor<sup>6</sup>, uma série de belíssimas fotografias de Agostinho da Silva da autoria de Henrique Guimarães, um conjunto de pequenos estudos dos seus textos mais importantes sobre temas educativos e um vídeo intitulado "Agostinho da Silva, algumas ideias sobre educação" feitos, uns e outros, pelos estudantes.<sup>7</sup>

Na sequência dessa sessão, foi ainda possível promover um programa de "Encontros Agostinho da Silva". Com inspiração na universal curiosidade do Professor, a ideia consistiu em reunir um conjunto de pessoas que se ocupassem de temas da sua competência, temas diversos e variados, não necessariamente correspondentes às suas respectivas demarcações disciplinares e académicas. Da pena de morte à Paideia clássica, do selvagem de Aveyron à física quântica ou à biologia pesqueira, foi possível constituir, mais uma vez na Faculdade de Ciências de Lisboa, um ciclo de conferências nas quais a memória de Agostinho da Silva funcionou sempre, e para todos, como leve exemplo primordial, referência frágil, enquadramento mínimo, simultaneamente estável, flexível e não constrangedor. Uma âncora que não desvirtuasse ou atropelasse a liberdade de navegação<sup>8</sup>.

---

<sup>3</sup> É o caso dos Profs. Odete Valente, João Pedro Ponte, Teresa Levy, Isabel Chagas, do Dr. Cardoso Alves e Dr. Joaquim Furtado.

<sup>4</sup> Por exemplo, os Profs. Maria Helena Andrade e Silva, João Andrade e Silva e Henrique Guimarães.

<sup>5</sup> Convidei também a Associação Agostinho da Silva entretanto constituída e que se fez representar nas pessoas da Dr. Maria da Purificação Araújo e do Dr. Manuel Pina.

<sup>6</sup> Foi nessas circunstâncias que tomei consciência de que, afinal, tinha em meu poder a gravação sonora da sessão de 19 de Dezembro de 1988. Na verdade, conservo ainda hoje em meu poder uma cassete que guarda o eco das palavras que o Professor então proferiu.

<sup>7</sup> Com selecção e montagem de dois estudantes, Ricardo Sousa e Rui Albuquerque Foles, esse vídeo está disponível, com a referência DE-VHS-306, na Videoteca do Departamento de Educação da FCUL.

<sup>8</sup> Nesse âmbito foram realizadas as seguintes sessões: "Pela Abolição Universal da Pena de Morte", 17 de Março de 1999, FCUL (mesa redonda dinamizada por Clara Cruz com Prof. Barata Moura, Dr. Laborinho Lúcio, Frei Bento Domingues, Dr. João Nabais, Dr. Fernando de Sousa, Dr. José Manuel Cabral; "Escolas Inclusivas", 4 de Maio de 1999, FCUL (encontro dinamizado por Fátima Alves com a Dra. Isabel Paes e a

Que dizer agora, à distancia de quase outros dez anos desses gratos acontecimentos?

Que me ficou a certeza de ter tido o privilégio de estar, por breves momentos, na presença da figura mesma do **professor**, digamos assim, de um seu arquétipo vivo. Não é pois de estranhar que, nessa antiquíssima oposição entre a fala e a escrita, ele esteja claramente do lado da *fala*. Não que a sua prosa (e poesia) não seja escrita num português esplendoroso e puro. Mas porque a fala, de que ele mesmo se reclama, é a matéria por excelência do ensino. É por isso que, como escreveu numa das últimas páginas de *Educação de Portugal*:

"O que acontece é que, muito mais que *escrever* me interessa *falar*. Aí, porquanto há gestos, pausas queridas e necessidades de respiração, ficam as orações mais ou menos bem divididas e pouca gente dá porque, afinal, houve apenas um só período do princípio ao fim do discurso" (sublinhados nossos).

Enquanto expressão de uma presença concreta, de uma diferença radical, a fala - *pela* qual e *através* da qual o ensino primordialmente se faz - é o *medium* próprio do professor, o seu *ethos*, a sua casa, o seu lugar. É ela que permite ao professor vivificar, com a sua presença, o património cultural (científico, filosófico e artístico) adquirido pelas gerações anteriores e que cabe por missão ao professor transmitir às novas gerações.

É porque Agostinho da Silva era primordialmente um professor que, ao seu lado, nós - seus alunos - nos sentíamos melhores e mais confiantes. É por isso que, a nós - seus alunos - nos cabe a tarefa de incessantemente comentar, questionar, repensar, discutir, discordar do que nos ensinou. Sobretudo, não nos conformarmos!

"Do que você precisa, acima de tudo, é de se não lembrar do que eu lhe disse; nunca pense por mim, pense sempre por você; fique certo de que mais valem todos os erros se forem cometidos segundo o que pensou e decidiu do que todos os acertos, se eles foram meus, não são seus. Se o criador o tivesse querido juntar muito a mim não teríamos talvez dois corpos distintos ou duas cabeças também distintas. Os meus conselhos devem servir para que você se lhes oponha. É possível que depois da oposição, venha a pensar o mesmo que eu; mas, nessa altura, já o pensamento lhe pertence. São meus discípulos, se alguns tenho, os que estão contra mim; porque esses guardaram no fundo da alma a força que verdadeiramente me anima e que mais desejaria transmitir-lhes: a de se não conformarem"

(Agostinho da Silva, *Cartas a um Jovem Filósofo*)

---

Prof. Olga Pombo; "Educação na Grécia Clássica", 3 de Dezembro de 1999, FCUL, pelo Prof. Victor Jabouille; "O Selvagem de Aveyron", 15 de Dezembro de 1999, FCUL (visualização do filme de F. Truffault "L'Enfant Sauvage, seguida de um painel dinamizado por Olga Pombo e com as Profs. Maria Filomena Mölder e Maria Manuel Vieira e o Dr. José Navarro de Andrade; "Física Quântica e Filosofia", 9 de Maio de 2000, FCUL (conferência pelo Prof. José Croca); "Gaspard Hauser", 17 de Maio de 2000, FCUL (visualização do filme de Verner Herzog, "O enigma de Kasper Hauser", seguida de um painel dinamizado por Olga Pombo e com a Prof. Teresa Levy, Luís Simões e Susana Salvado); "Será que o automóvel é determinista?", 23 de Maio de 2000, FUCUL (conferência pelo Prof. Fernando Belo) e "Biologia Pesqueira", 31 de Maio de 2000, DEFCUL (conferência pelo Prof. Leonel Serrano Gordo).